"Povo da Terra" e "Meu Povo" à luz de Miquéias

INTRODUÇÃO

"Povo da Terra" e "Meu Povo" à luz de Miquéias é o tema que abordamos neste artigo. Escolhemos Mq 2,1-5 como um texto de referência para desenvolvê-lo. No entanto, lemos 2,6-11; 3,1-4 e 3,5-8 à luz da análise de 2,1-5 no que se refere à temática da relação entre "Meu Povo" e "Povo da Terra". Esta escolha se embasa em dois elementos: primeiro, o profeta não fala em "Povo da Terra". No entanto, a terra é um tema central em sua profecia e especialmente em 2,1-5; segundo, Miquéias fala várias vezes em "Meu Povo" (1,9; 2,4; 2,8; 2,9; 3,3; 3,5). 2,1-5 é um texto de referência para compreender a relação entre "Meu Povo" e a "Terra" em Miquéias. Neste artigo, queremos mostrar como o profeta entende esta relação.

1. MIQUÉIAS 2,1-5[1]

v. 1 - a. Ai dos que planejam iniqüidade
b. e dos que tramam mal sobre suas camas!
c. À luz do amanhecer o fazem,
d. porque está no poder de sua mão.

1. Mq 2,1-5 foi o texto de referência da minha dissertação de mestrado, concluída em 1992, pela Faculdade Nossa Senhora da Assunção, São Paulo. O texto oferece problemas de transmissão. Os detalhes estudados se encontram na dissertação. Neste artigo, apresento somente alguns resultados de crítica textual.

v. 2 - a. E cobiçam campos e roubam,
b. e casas levam embora.
c. E oprimem homem e sua casa,
d. e homem e sua herança.

v. 3 - a. Por isso, assim disse Javé:
b. Eis que eu planejo contra esta família um mal,
c. do qual não tirareis vossos pescoços
e não andareis altivamente,
d. porque será um tempo de desgraça aquele!

v. 4 - a. Naquele dia se levantará contra vós
uma canção satírica e
uma lamentação!
Aconteceu! Se disse:
b. "Fomos devastados!"
c. A porção (de terra) de meu povo será repartida!
b.1. Como pode se afastar de mim?
b.2. "Para rebelde nosso campo será dividido."

v. 5 - Por isso, não haverá para vós
quem lance um cordel em sorte
na assembléia de Javé.

2. ESTILO, ESTRUTURA, GÊNERO

O estilo que predomina em Mq 2,1-5 é poesia[2]. Nele encontramos uma série de membros paralelos que identificam a poesia hebraica. Seus elementos formais ("ai" no v. 1; "por isso assim disse Javé" no v. 3; "por isso" no v. 5) estruturam o dito numa unidade temática. Ao "ai" introdutório, no v. 1, segue inicialmente uma acusação genérica que se especifica no v. 2. Os v. 3-5 identificam o anúncio profético. O v. 3 é um anúncio genérico que corresponde formalmente à acusação genérica do v. 1. Os v. 4-5 são um anúncio específico em correspondência à acusação específica do v. 2. Em síntese: aos que planejam o mal (v. 1), sobre eles é planejado o mal (v. 3); aos que roubam as terras (v. 2), suas próprias terras serão tomadas (v. 4-5). Estes elementos enquadram Mq 2,1-5 num gênero que consiste de um dito profético[3] introduzido com um "ai" profético, contendo uma denúncia e um anúncio (ameaça e promessa). Mq 2,1-5 denuncia, ameaça, promete.

3. TEXTO E LUGAR VIVENCIAL

As correspondências entre denúncia e anúncio, tanto no nível genérico quanto no nível específico, evidenciam o texto como expressão de um conflito. Nele, a temática de "cobiça e roubo de terra" e a "opressão" se mostram centrais. As duas

2. Confira BALLARINI, Teodorico. Poética Hebraica. In: BALLARINI, Teodorico e outros. *Introdução à Bíblia*, v. III/2. Petrópolis, 1985, p. 15-33.

3. Sobre palavras proféticas de juízo que compreendem duas partes principais: a acusação e o anúncio da condenação, confira o estudo de WESTERMANN, Claus. *Grundformen prophetischer Rede*. Chistian Kaiser, München, 1960, p. 120-126.

partes constitutivas do dito profético (denúncia e anúncio) abarcam e se envolvem com estes temas.

Mq 2,1-5 provém de um lugar bem específico. Miquéias vivia na região de Moreset-Gat. Localizava-se na Sefelá judaíta. Dois elementos importantes caracterizavam o lugar[4]: a) a região encontrava-se cercada por uma série de cidades fortificadas que garantiam as fronteiras com a Filistéia e as vias de acesso a Jerusalém; b) a Sefelá judaíta era constituída pelo aclive ocidental da Serra de Judá. Era uma área propícia para a agricultura. Miquéias, portanto, vivia numa região cercada de fortalezas militares (cidades fortificadas) e uma área de produção agrícola. A maioria dos seus ditos, que se encontram em Mq 1–3, provêm deste lugar.

4. A DENÚNCIA

A profecia se vale de sete expressões verbais[5] para denunciar, analisar e especificar os fatos que estão se sucedendo. A acusação se dirige inicialmente aos que *planejam*. O primeiro alvo é orientado aos que maquinam, refletem, planejam o mal. O texto informa que o planejar acontece "sobre suas camas". Inclusive esta idéia vem reforçada pelo verbo *praticar*. Na tradução conservamos a idéia de "maquinar", "tramar", pelo seu sentido paralelo com o verbo "planejar" e por causa do complemento que lhe segue. Sabemos, pois, que na mentalidade hebraica não existe uma distinção acentuada entre o momento do planejar e o momento do praticar. No final do v. 1, a ação verbal *fazer* especifica e resume as ações anteriores. Esta conclusão tem sua base na verificação conjunta dos complementos.

A partir do v. 2, as ações verbais qualificam a forma como o mal é executado; neste versículo é, também, especificado o mal. A ação de *cobiçar* aponta a uma atitude ativa, designando uma busca incontrolável de algo, um desejo ardente de possuir um determinado objeto. O sujeito usa quaisquer meios para chegar ao fim. No texto de Miquéias, o desejo incontrolável está voltado à cobiça coletiva de terras. A terra, também, está sendo *roubada*. O significado fundamental do verbo "roubar" é "arrancar com violência". Designa o ato de arrebatar um objeto mediante a violência e com uma superioridade em relação ao possuidor deste objeto. Como ação violenta, o verbo "roubar" aparece em conexão com o verbo *oprimir* ("extorquir", "explorar"). O texto procura desvendar duas realidades violentas e injustas: o verbo "arrancar com violência", "roubar" assinala para o roubo violento de terras; as famílias são expulsas violentamente. O verbo "oprimir", "extorquir", lembra o fenômeno da apropriação da terra e dos que nela trabalham via uma forma extorsiva.

O contexto de violência, compreendido a partir das ações de "roubar" e "oprimir", esclarece a ação *levar* como ação também de violência. A ação consiste

4. Confira SCHWANTES, Milton. *História de Israel – Local e origens*. In: Série Exegese, v. 7, fascículo 1. São Leopoldo, 1984, p. 19.

5. A seguir, para a análise de conceitos, consultamos: BOTTERWECK, G. Johannes e RINGGREN, Helmer. *Diccionario Teológico del Antiguo Testamento*, v. 1. Madrid, Ediciones Cristiandad, 1978; e JENNI, Ernst e WESTERMANN, Claus. *Diccionario Teológico Manual del Antiguo Testamento*, v. 1 e 2. Ediciones Cristiandad, Madrid, 1978.

em "levar casas", transportando-as. Possivelmente, no texto de Miquéias, o verbo "levar" signifique saques[6] às casas de camponeses e até pode referir-se a pessoas que "são levadas" para trabalhos forçados[7].

5. OS DESTINATÁRIOS

Os v. 1-2 informam que os acusados planejam o mal e executam-no de uma forma violenta "porque têm *poder* em suas mãos". Nesta informação, constata-se o discernimento político do conflito: o grupo acusado é um grupo[8] de poder! No v. 3, o anúncio da desgraça se dirige "contra esta família". A expressão "esta família", em nosso dito profético, no contexto do VIII século aC, designa uma unidade militar governamental[9] estabelecida em Gat, centro que abarcou administrativamente a vida camponesa de Moreset. Em Mq 2,3, "esta família" identifica um núcleo organizado que tem *poder* e por isso consegue projetar e executar ações violentas. A denúncia e o anúncio-de-desgraça focalizam, portanto, um mesmo destinatário.

6. "MEU POVO" EM MIQUÉIAS

Em Mq 2,1-2 não se encontra "meu povo". Encontramos esta expressão solidária em vários outros textos do profeta. Lembramos especificamente: 2,8.9; 3,3.5. Olhemos mais detalhadamente para estes textos e procuremos compreendê-los à luz de 2,1-2.

Mq 2,6-11 é igualmente um texto que oferece problemas de transmissão. No entanto, todas as traduções mostram-se fiéis a um elemento fundamental: o texto provém de uma controvérsia do profeta de Javé (Miquéias) com os profetas oficiais, os profetas do sistema. Estes são acusados ironicamente de "babujadores", "vaticinadores". São insensíveis à problemática social que nos é relatada nos v. 8

6. O verbo "levar" em Ez 29,19 está em paralelo com os verbos "despojar" e "saquear". No conjunto do texto (confira a unidade: Ez 29,17-21), ao nosso ver, as três ações verbais expressam um sentido idêntico. ZIMMERLI, Walter. *Ezequiel 25–48*. In: Biblischer Kommentar XIII/2, p. 719-720, aponta para esta compreensão. No entanto ele entende que o verbo "levar", em Ezequiel, poderá ser um acréscimo posterior (veja p. 716). A interpretação posterior, no caso em Ezequiel, não compromete o sentido que entendemos ter a ação verbal em Miquéias.

7. O texto, neste sentido, não é suficientemente claro para justificar esta hipótese. Sabe-se que no século VIII aC, principalmente em Jerusalém, havia um surto de construções, além da corvéia que existia entre trabalhos na lavoura. Não nos parece impossível que o texto de Miquéias faça referência a estes fatos, pois em Mq 2,8 há uma referência clara às mulheres e seus filhos que são expulsas de suas casas. Para maiores detalhes confira por exemplo: ALT, Albrecht. Mq 2,1-5: a redistribuição da terra em Judá. In: *Terra Prometida – ensaios sobre a história do povo de Israel*. São Leopoldo, Editora Sinodal, 1986, p. 9-18; OLIVEIRA, Antônio R. Monteiro de. Miqueas, profeta revolucionario de los campesinos. In: *Taller de Teología*, n. 12, 1983, p. 31-51; SICRE, José L. *A justiça social nos profetas*. São Paulo, Edições Paulinas, 1990, p. 337-425.

8. A denúncia se dirige não somente a uma pessoa, mas a um sujeito coletivo. As formas participiais do v. 1, como também os verbos do v. 2, encontram-se conjugados no plural.

9. Em tempos da monarquia, "o termo tendia a ser aplicado, seja arcaicamente a nomes inventados das genealogias do passado, seja administrativamente a cidades ou regiões que funcionavam como unidades governamentais sob a monarquia." GOTTWALD, Norman K. *As tribos de Iahweh: uma sociologia da religião de Israel liberto – 1250-1050 aC*. São Paulo, Edições Paulinas, 1986, p. 279.

e 9, texto que ora mais nos interessa. Ali o profeta de Javé fala em "meu povo". O "meu povo" sofre, pelo menos, três formas de exploração: a) Do "meu povo" é tirada uma parte da roupa (a capa); b) as mulheres são expulsas de suas casas, onde ainda reina prazer e alegria; c) os filhos são tirados de suas casas.

Mq 3,1-4, numa linguagem que provoca indignação e revolta, informa o quanto os chefes e os magistrados – os cabeças – esfolam, arrancam, quebram e comem a "vida" (pele, ossos, carne) de "meu povo". A linguagem assusta! Mas Miquéias enxerga o quanto aqueles que deveriam governar com justiça não mais a conhecem. Eles odeiam o bem e amam o mal!

Mq 3,5-8 volta a acusar os profetas. Eles seduzem, desorientam o "meu povo". Sobre este texto, como sobre os demais acima mencionados, podemos enumerar algumas observações:

"Meu Povo" é o sujeito social que sofre ações, algumas mais e outras menos violentas. Estas são planejadas (2,1) e executadas (2,2; 2,8-9; 3,1-3) por um sujeito social que é apresentado através de várias designações: "esta tribo" (2,3); "este povo" (2,11); "chefes" e "magistrados" (3,1); "profetas" (3,5). Estes diferentes termos indicam distintas categorias do VIII século aC, mas, sem dúvida, encontram-se integrados num mesmo projeto social.

"Meu Povo" ainda se encontra em "casas" (2,9; 2,2). Mulheres e filhos ainda vivem próximos (2,9).

Vivendo em "casas", "meu povo" é um sujeito social ligado à terra (2,2).

Estas observações remetem à verificação mais detalhada da relação entre "meu povo" e "povo da terra". Vamos a esta tarefa.

7. RELAÇÃO: "MEU POVO" E "POVO DA TERRA"

Precisamos recorrer a Mq 2,1-2 para compreender a relação entre "meu povo" e "povo da terra". Especificamente o v. 2.

O grupo sociológico vítima das violências denunciadas representa um sujeito coletivo: "homem e sua casa, homem e sua herança". "Casa"[10] significando um núcleo de pessoas que vivem próximas, num elo de parentesco, trabalhando coletivamente uma área de terra e que a possuem através de uma relação legal de posse comunitária (herança). Os atingidos, portanto, são camponeses que ainda têm terra para trabalhar com direito de posse e que ainda constituem a unidade sociológica básica da formação social israelita, ou seja, a família clânica.

O "meu povo" são, portanto, os camponeses da Sefelá judaíta, do século VIII aC. "Meu Povo"[11] são as famílias camponesas em vias de empobrecimento, de desintegração, de perda de sua identidade familiar-clânica. Na expressão "Meu

10. Na estrutura social de Israel, quando a expressão significa um sujeito coletivo, geralmente designa uma subdivisão terciária nesta estrutura. Confira GOTTWALD, Norman K., *op. cit.*, p. 294-295.

11. Em Mq 2,4 se especifica o anúncio, assumindo elementos do gênero de sátiras e do gênero de lamentações. A junção identifica uma lamentação de rebaixamento. 2,4 contém diferentes vozes. Entendemos que a parte "c" – "a porção [de terra] de meu povo será repartida" – seja consciência profética, onde se anuncia a partilha de terra a "meu povo", os camponeses que a estavam perdendo. Confira: OLIVEIRA, Antônio R. Monteiro de, *op. cit.* p. 32.

Povo"[12] se encontram representadas as antigas comunidades clânicas camponesas vítimas do roubo de terras e de extorsão violenta. "Meu Povo" é o "Povo da Terra" empobrecido e espoliado (2,1-2), desorientado (3,5), do qual os cabeças, chefes e magistrados arrancam e esfolam a pele, cortam sua carne, quebram seus ossos (3,1-3).

A promessa de uma redistribuição de terra, que se verifica em 2,5 e também em 2,4, parte "c" (veja a tradução), beneficia estas famílias. A partilha de terras é o projeto profético como resposta às injustiças cometidas por aqueles que detêm o poder. "Homem e sua casa, homem e sua herança", inicialmente vítimas de abusos, agora são os que riem e satirizam (v. 4)!

CONCLUSÃO

Planejar o mal. Praticá-lo. Fazê-lo. Cobiçar incontrolavelmente algo que é de outrem e sabendo que o outro é pobre! Roubar. Oprimir. Desorientar. Esfolar. Arrancar. Saquear aquele que já tem pouco!

A análise profética espelha esta realidade. E é tal realidade que fez levantar(!) a voz da profecia. O profeta se fez enxergar numa situação crítica, onde a vida de pessoas humanas estava ameaçada.

A profecia analisa, mostra, faz exergar. E mais: aponta soluções. Mq 2,3-5 projeta uma redistribuição de terra. Uma reforma agrária. A consciência profética de 700 anos aC já é a do discernimento de que inúmeros problemas sociais se resolvem com uma organizada e justa delimitação e distribuição de terra, onde a necessidade é um primeiro critério a ser considerado.

É lamentável que, na atualidade, a consciência dos "homens e mulheres de ciência" de classes dirigentes da maioria dos países considerados de terceiro e quarto mundos, especificamente do Brasil, não adquiriram a sabedoria profética de há tantos séculos.

Noli Bernardo Hahn
Caixa postal 202
98800-970 Santo Ângelo – RS

12. Mq 1,8-16 é uma lamentação do profeta, pronunciada provavelmente por volta de 701 aC. Portanto, uma das últimas palavras do profeta. Em 1,9 se encontra a expressão "meu povo". Neste texto, "meu povo" não se restringe aos pequenos camponeses da Sefelá judaíta. Ali se entendem especialmente os moradores de Jerusalém, agora cidade sitiada pelo exército assírio. Numa situação de sofrimento e de necessidade, os moradores de Jerusalém se tornam "meu povo". Confira SCHWANTES, Milton. Meu Povo em Miquéias. In: *Palavra na Vida*, v. 15. CEBI/Centro de Estudos Bíblicos, São Leopoldo, 1989, p. 20-21.